



FUTEBOL NO SANGUE, NÃO NAS PERNAS

GUERRAS INTERNAS
E MILÍCIAS DA AL QAEDA
DIVIDEM ESPAÇO COM O
FUTEBOL NAS RUAS DA MAIS
POBRE DAS NAÇÕES ÁRABES

TEXTO E FOTOS CAIO VILELA

Crianças jogam no calçadão da orla de Mukalla, principal porto da província de Hadramout, onde se concentram os fundamentalistas islâmicos no Iêmen



DESCALÇOS, DEZENAS DE BARBUDOS de saia jogam bola ruidosamente, ocupando 13 campinhos improvisados sobre o leito de um rio seco. Ao lado, uma partida de 20 contra 18 rola solta, enquanto um grupo numeroso de jovens desafia a seleção local. Não longe dali, 12 meninas e um garoto vestido com a camisa 9 do Brasil correm atrás de uma bola de meia sob a sombra de palmeiras carregadas de tâmaras. A descontração diária promovida pelo festival de peladas acontece todos os dias em frente a Shibam, cidade pobre e semiabandonada da província de Hadramout, extremo leste do Iêmen. Estampado no muro de contenção que separa Shibam do curso d'água intermitente, um sol pintado com tinta azul simboliza a presença do partido político fundamentalista mais radical na região.

A impressão é de estarmos em outro planeta: homens curvam-se na direção de Meca cinco vezes ao dia, mulheres circulam vestidas com o “pretinho básico” islâmico sob o sol escaldante, muitas crianças não vão à escola – aprendem apenas os ensinamentos contidos no Alcorão, o livro sagrado do islamismo – e há penas severas para crimes como furto, homossexualismo, pornografia e ingestão de álcool.

O fanatismo pelo futebol no Iêmen é tão forte quanto o exercido pelo Islã. Crianças e boleiros dominam as ruas das cidades importantes, bem como nos vilarejos rurais, em um movimento diário ruidoso e anárquico. Os iemenitas jogam e vibram com o futebol como se fossem brasileiros.

Mesmo assim, a nação mais pobre do mundo árabe não é exatamente uma fábrica de craques. Sua seleção jamais conseguiu se classificar para uma Copa do Mundo. Nem mesmo para a Copa da Ásia. Falta ginga. Falta também investimento. E aí a culpa é da economia local. O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) iemenita é páreo para o dos países africanos mais pobres. Não há como o futebol entrar como um item importante na lista de prioridades do governo.



Acima, sobre o leito de um rio seco, diversos campos de futebol se formam todos os fins de tarde em frente à cidade de Shibam

No alto, pebolim nas ruas de Sana'a, capital do Iêmen

Logo abaixo, partida em frente aos edifícios de barro de Shibam

À direita, pelada de bairro na cidade de Al Baydah

O isolamento político e econômico torna o Iêmen uma terra alheia às questões mundiais. Emergências como os 921 casos de gripe suína registrados pelo Ministério da Saúde em outubro passado não são exatamente uma preocupação nacional ou destaque nos noticiários do canal Al Jazeera. A mesma falta de atenção é dada às notícias sobre crise econômica mundial.

O que ocupa as páginas dos jornais locais é um conflito armado que acontece nas regiões montanhosas de Sadah e Amran, 150 km ao norte da capital, Sana'a. Rebeldes da tribo Houthis, seguidores do líder religioso Abdulmalik Al Houthi, travam sua sexta guerrilha contra o Exército nacional, disputando controle sobre o território ocupado por sua tribo. Batalhas semanais ocorrem desde maio e agravam as condições de vida na região norte com uma violenta ofensiva iniciada em setembro, conflito que seguia em pleno fogo cruzado até o fechamento deste texto. Ao mesmo tempo, aumenta a instabilidade política no sul do país, enquanto milícias terroristas da organização Al Qaeda se concentram no extremo leste.

MEU OBJETIVO ERA SIMPLEMENTE fotografar futebol de rua em Sana'a e na província de Hadramout, terra de origem da família do pai de Osama Bin Laden e zona de concentração da Al Qaeda. Medidas de precaução foram tomadas para conseguir viajar até a região com discrição e segurança. Deixei crescer a barba por dois meses, memorizei frases educadas em árabe, aprendi trechos do Alcorão e rituais básicos do islamismo.

Tamanho cuidado não era injustificado. Atormentado por conflitos tribais desde o fim da guerra civil que resultou na unificação de Iêmen do Norte e do Sul em 1990, o primo pobre dos países árabes é o campeão mundial de sequestros de turistas e de armas por habitante. Estrangeiros são ocasionalmente sequestrados por membros de tribos beduínas, que negocia suas vidas em troca da libertação de líderes políticos retidos em prisões federais, entre outras demandas de interesse local contra o governo.



O risco é real: mais de 200 estrangeiros foram sequestrados nos últimos 15 anos. Em julho de 2007, um atentado fatal vitimou sete turistas espanhóis no povoado de Marib. E para piorar a situação, em setembro de 2008 uma explosão na embaixada americana matou 16 funcionários. Foi a última “notícia bomba” significativa vinda do país, diretamente para os rodapés dos jornais brasileiros, e publicada um mês antes do meu embarque no voo da Egypt Air comprado na web, que sairia de Túnis com escalas em Trípoli e Cairo antes de chegar a Sana’a, cenário da explosão.

As ocorrências envolvendo turistas, noticiadas à exaustão na mídia europeia, não ajudam Ali Abdullah Saleh, presidente-xerifão que tanto se esforça para afirmar ao mundo suas boas relações diplomáticas com os Estados Unidos. Um cenário que ficou abalado depois que um nigeriano ameaçou explodir um avião no último Natal. Antes de pegar um voo de Londres para Detroit, ele estava em Sana’a, onde teria recebido “educação terrorista”.

Isso afasta os visitantes desse país que preserva belas praias sobre o Índico, sítios arqueológicos do Velho Testamento e cânions profundos. Sua história milenar começa com os descendentes de Shem, um dos quatro filhos de Noé (aquele da Arca), cujo nome deu origem à palavra e ao povo “semita”, de onde vêm tanto os povos árabes quanto judeus.

À esquerda, partida entre times de Segunda Divisão no principal estádio de Sana’a

Abaixo, futebol nas ruas da capital, Sana’a

À direita, time de crianças no centro histórico de Sana’a



NA CHEGADA A SANA’A, uma agência local providenciou um Toyota 4x4 pilotado por Mohammed, motorista que fala limitado inglês, mas viaja acompanhado de um guarda-costas armado com AK-47. Ao longo da viagem de 1.080 km até Hadramout, Mohammed escolhia o caminho conforme as informações frescas que coletava nos postos de controle militar, atualizando-se sobre o status dos conflitos regionais a cada 100 km rodados. Embora estivesse na região com maior concentração de fundamentalistas, o contato com o povo local comprovava a famosa hospitalidade árabe. A excessiva cautela do veterano motorista deixava a viagem confortável, mas sempre alerta. Nessa mesma região, dois turistas belgas haviam sido executados em uma emboscada poucos meses antes. O motivo? O simples desejo de não contaminar o ambiente com presença de infiéis.

Em Sana’a, o passeio público é mais tranquilo e dispensa a presença de um escolta armado. Uma visita ao principal estádio de futebol para assistir a um jogo do campeonato iemenita revela a falta de técnica, estrutura e familiaridade com a gorducha. No centro da cidade, o precário estádio municipal cobra ingresso a aproximados R\$ 4. As arquibancadas são descobertas e a torcida não carrega nada além de bandeiras. Rojões e morteiros são proibidos. Qualquer barulho de explosão por aqui pode despertar alarme na polícia e ser interpretado com uma bomba pelos moradores.

A partida entre os times das cidades Aden e Taizz termina em 0 a 0, após muitas faltas, discussões e chutões para o alto. O encontro acaba pouco antes das 17h, horário da reza nas mesquitas. Muitos jogadores realizam ali mesmo no gramado o ritual. Após concluir seu momento de conexão com Alá, Tariq Abdullah, centroavante do time de Taizz, concorda em conversar. “Ir ao Brasil é meu sonho! É a primeira vez que eu encontro um brasileiro”, revela, emocionado. Tariq diz que o caminho natural de todo jogador iemenita que consegue se destacar é jogar nos países árabes ricos. “O futebol está no nosso sangue, mas não nas pernas”, assume, desolado.

Enquanto isso, forças da ONU se espalham nas estradas entre Sana’a, Sadah e Amran, focadas em garantir a segurança da população civil que circula entre campos de batalha na região do povo houthi. Motivo para Tariq profetizar sobre o futuro, e se perguntar por que o governo se ocupa de conflitos tribais ao invés de promover a paz e a felicidade do povo iemenita com o esporte. ■